

**CADERNO DE LEITURA LITERÁRIA NA EJA: ESPAÇO PARA UMA
RECEPÇÃO AFRO-BRASILEIRA**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
PREPARANDO A ATIVIDADE	7
OBJETIVOS	7
Objetivo geral	7
Objetivos específicos	7
PRÁTICA DOCENTE EM REVISÃO	8
REFLEXÕES SOBRE MOTIVAÇÃO E DOCENCIA NA EJA	9
O aluno chega à sala de aula...hora de ressignificar a prática docente	9
LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA: formação ética na escola	12
TDIC E LITERATURA: uma proposta de mediação para ampliação do horizonte .	16
LEITURA LETERÁRIA – ABORDAGENS E OFICINA SOBRE O ROMANCE <i>O CORTIÇO</i>	20
LEITURA CULTURAL DE <i>O CORTIÇO</i>	22
A leitura de O Cortiço na EJA: espaço dialógico e a atualização do texto literário ...	22
Reflexões sobre o conceito de literatura afro-brasileira	22
O lugar do negro na sociedade pela representação das personagens do romance	23
O Negro e sua imagem estereotipada- da ficção à realidade	24
GLOSSÁRIO	29
SOBRE A ATIVIDADE	31
DICAS PEDAGÓGICAS	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

APRESENTAÇÃO

Disponibilizamos este Caderno como uma proposta didática para se debater sobre as questões étnico-raciais, em especial ações que possam divulgar a Cultura e História Afrodescendente e Africana, conforme as colocações da lei 10.639/03; de forma a gerar o pertencimento e valorização à cultura negra e consequentemente minimizar atos preconceituosos e racistas, contra os negros. Eis um material que trate o texto literário na sala de aula de uma maneira mais motivadora e significativa, para um público leitor que pouco tempo tem disponível para dedicar-se ao mundo da leitura ou mesmo tem a pré-disponibilidade em ler.

Falamos, na oportunidade, de se obter um material para trabalhar especificamente com a Educação de Jovens e Adultos, nas escolas públicas brasileiras. Algo que contemple as especificidades desse público, moderno e que seja capaz de aliar os conteúdos programáticos de Língua Portuguesa e Literatura, aplicados em sala de aula, com as experiências, contexto e as necessidades e anseios dos alunos matriculados no período noturno.

Dessa forma, trazemos como proposta uma prática de leitura contextualizada e cultural da obra literária *O Cortiço*, Aluísio Azevedo, para ser aplicada entre os alunos da quarta etapa do Ensino Fundamental, da EJA, de forma contextualizada ao comportamento, meio em que vivem, gostos e história do leitor. Assim, um mesmo texto que se apresenta complicado e complexo por conta da linguagem, extensão e estudo estético e historiográfico, que muitas vezes é aplicado nas aulas de literatura das escolas públicas brasileiras abrirá, da maneira como será proposta a sua leitura, espaços para uma atividade dialógica a partir de outros textos de mesma temática e mais contemporâneos ao leitor.

Partindo dessa possibilidade, acredita-se contribuir com a formação crítica do leitor, uma vez que proporcionaremos, em meio ao próprio espaço escolar, o debate de questões muitas vezes não trabalhadas, quando assim encontram-se na superfície do texto; a exemplo das relações étnico-raciais, em especial o status do negro na sociedade, seus estereótipos em relação ao tratar da sensualidade da mulher negra ou mulata e as reais relações históricas da cultura africana para a formação da sociedade brasileira.

Portanto, a partir do momento em que é disponibilizado, ainda para o Ensino Fundamental, um ensino de Literatura por meio de uma ação investigatória, assim comparando os textos entre seus aspectos culturais e estéticos, como também a identidade na ficção e as tensões do leitor; estaremos oportunizando uma formação leitora crítica e

politicizada, quando através de novas releituras por conta da atualização do texto literário para o contexto do leitor, é possível construir novos sentidos à tessitura textual.

Com este material pedagógico, elaborado a partir de uma proposta interdisciplinar e sócio - cultural, estaremos contribuindo com a desmistificação do fato de que o texto literário não pode ser trabalhado em sala de aula, sob um aspecto que possibilite ao leitor a identificação da história de maneira reflexiva. Assim, propiciar uma oportunidade para que ele possa sentir prazer pelo texto faz-se de suma importância na atualidade, quando assim é possível atualizar o texto para o tempo e contexto do leitor.

Uma vez que a EJA - de acordo com a Proposta Curricular disponibilizada para o Segundo Segmento do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, MEC, 2002 - tem estrutura, princípios e características diferenciadas do Ensino Regular, o texto, por sua vez, em sala de aula deve assumir um papel de instrumento de formação cidadã, colaborativa e reflexiva. Dessa forma, o professor atuando como moderador do trabalho promoverá discussões sociais, pessoais e literárias, a partir do momento que esteja de posse de uma proposta educativa interativa e contextualizada com o tempo e meio do aluno.

Assim, ainda, disponibilizando um o olhar para as Tecnologias da Comunicação e Informação, perceberemos que se bem aplicadas e utilizadas na intenção de mediar a interpretação, elas poderão despertar o gosto pela leitura do texto literário, uma vez que através delas o texto literário passa ser atual, o que conseqüentemente o seu enredo, personagens, conteúdo e forma – oriundos da subjetividade textual - passarão a fazer sentido para o “novo” leitor.

Percebe-se, então, que essa proposta é motivada pelas abordagens dos multiletramentos, visto que “em certos artefatos digitais, observamos um uso bem desenvolvido de algumas habilidades que a escola deveria, hoje, tomar como função desenvolver, tais como: letramento da cultura participativa/colaborativa, letramentos críticos, letramentos múltiplos e multiculturais ou multiletramentos” (ROJO, 2013, p. 08).

Com a aplicação da referida abordagem de leitura literária, em sala de aula, espera-se formar leitores críticos, conscientes de seu papel na sociedade e dessa forma, valorizadores de sua cultura e etnia. Ao proporcionar o debate de temas que estereotipam e denigrem o ser humano, a partir de leitura de textos literários, a exemplo de *O Cortiço*, colocaremos em pauta a desmistificação de determinados conceitos, impostos em nossa sociedade, ao longo de nossa história. Portanto, estará sendo oportunizada uma proposta de ação baseada numa pedagogia que explore e valorize o texto literário em sala de aula e o conhecimento de mundo do leitor.

Portanto, com essa prática pedagógica, desenvolveremos ainda a autoestima e cidadania dos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos das escolas públicas brasileiras, pois por meio da metodologia adotada atualizaremos as temáticas das obras para o contexto e realidade vivida por eles, estimulando a participação ativa na sociedade e reflexão acerca de sua condição social.

Contudo, não deixaremos de tratar as possibilidades estéticas do texto e sua literariedade, nem tão pouco trabalhará, apenas, o texto pelo texto. Os múltiplos sentidos, proporcionados pela subjetividade da literatura farão parte do diálogo com o leitor e sociedade e será o ponto de partida para a atualização da narrativa, pelo olhar de quem lê o texto. Então, encaminharemos o aluno a se tornar um leitor crítico através da recepção que se tem sobre o texto lido e por consequência a sua ampliação de horizonte.

PREPARANDO A ATIVIDADE

Para o desenvolvimento das estratégias de leitura, apresentadas neste Caderno, para a obra literária *O Cortiço*, Aluísio Azevedo, chamamos a atenção para alguns recursos que se fazem importantes para o sucesso da atividade em sua sala de aula. Tais considerações dizem respeito aos seguintes aspectos:

- a) Público alvo: alunos da EJA, 4ª etapa do Ensino Fundamental (9º ano).
- b) Recursos materiais necessários: Computador, máquina fotográfica, aparelho de celular, Datashow, aparelhos de som / caixa amplificadora, material de papelaria (cartolina, cola, tesouro, etc), fotografias e os textos literários.

Objetivos

Objetivo geral

Desenvolver uma prática de leitura literária com ênfase na formação do leitor e na análise crítica das representações afro-brasileiras na literatura, para turmas da Educação de Jovens e Adultos.

Objetivo específico

- Desenvolver habilidades de leitura literária a partir de uma abordagem sociocultural;
- Identificar as questões étnico-raciais;
- Ampliar horizontes a partir da reprodução da obra, pelo olhar do leitor.

PRÁTICA DOCENTE EM REVISÃO

Professor (a),

Pensando em melhor colaborar com sua prática docente, nas próximas seções teremos espaços para que você possa revisar alguns conceitos interessantes para a aplicação da atividade proposta em sua sala de aula.

Sugerimos que dedique um tempo específico para as leituras, forme grupos de estudos, procure verificar como se aplica a teoria na prática e abra espaço para novas discussões. Salientamos que o material, aqui apresentado, serve apenas como um breve referencial teórico e é disponibilizado para o aprimoramento de sua prática docente. Contudo, outras fontes podem e devem agregar ao seu trabalho.

Bons estudos!



REFLEXÕES SOBRE MOTIVAÇÃO E DOCENCIA NA EJA

O aluno chega à sala de aula...hora de ressignificar a prática docente

Como motivar nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos a se tornarem leitores assíduos e por meio da leitura cidadãos críticos, sem que haja uma função aparente para o exercício e prática da leitura em sala de aula, ou mesmo contextualizada com o meio em vive o leitor, ou envolvida a experiências pessoais, é algo que muito discutimos nos ambientes escolares. A partir dessa reflexão, vemos que Cruz (2012) considera o seguinte,

o que pode observar é que não se lê por prazer, mas por dever (...) a escola e a biblioteca deveriam descobrir uma adequada escolarização da leitura literária, ou seja, propiciar ao estudante uma vivência do literário, conduzir a práticas de leitura literária e formar leitores assíduos. (p. 57).

Dessa forma, o que podemos considerar é que, simplesmente, a metodologia que aplicamos em sala de aula, na atualidade, não motiva nossos alunos e por isso eles não se identificam e nem se sentem inseridos no ambiente escolar, pois os conteúdos, mesmo tratando de questões de trabalho, raça e gênero, da forma como são apresentados e propostos não dialogam diretamente com o educando e consequentemente não os motiva a participar das aulas e realizar as atividades, levando-os muitas vezes à desistência e abandono dos estudos. Acerca dessa discussão, encontramos Rildo Cosson (2011) que trata da questão dizendo que

ler depende mais do leitor do que do texto. É o leitor que elabora e testa hipóteses sobre o que está no texto. É ele que cria estratégias para dizer o texto com base naquilo que já sabe sobre o texto e o mundo. Por isso, a leitura depende daquilo que o leitor está interessado em buscar no texto do que das palavras que estão ali escritas. (p. 39).

Ponderando esse aspecto, passamos a entender que o texto por si só não traz motivação para a leitura, muitas vezes por ser apresentado aos alunos sem nenhuma correlação com o cotidiano, ou melhor, a maneira como é trabalhado em sala de aula não se faz atrativa, não há uma ação, diálogo que consiga prender a atenção do aluno. Não há o espaço para participação da voz do leitor, que em um contexto diferenciado do nível regular já não se sente bem em ser apenas passivo diante das informações, então eles se apresentam chatos, sem nexos e difíceis, sejam os da literatura clássica ou moderna.

Com relação a esse aspecto, Tzevetan Todorov coloca que muitas vezes a Escola apresenta o livro apenas como um elemento de estudo estético e não como parte de uma construção social, o que faz, dessa forma, nascer a repudia a ele.

Já para Paulo Freire (1989) “o comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos e não de palavras e temas apenas ligados à experiência do educador” (p. 18).

Contudo, outro fator importante que devemos observar é que diante das pesquisas divulgadas nos mais variados estudos acadêmicos, como também nos meios de comunicação, percebe-se que cada vez mais o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) faz parte do cotidiano dos indivíduos, o que de certa forma corrobora para a alteração dos anseios destinados ao perfil que a escola pode, desde então, assumir, e de certa forma o que se espera dela.

Nessa oportunidade, vale destacar que no livro “Ensino de leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores na era digital”, organizado por Katia Tavares, Silvia Becker e Claudio Franco, encontramos uma intensa discussão sobre porque e como usar os aparatos tecnológicos a favor da aprendizagem e na atualidade. Segundo os organizadores nesta obra

apresenta-se pesquisadores e professores interessados no ensino de leitura e nas práticas pedagógicas que buscam promover o ato de ler, levando em consideração, particularmente, os contextos mediados por novas tecnologias. (TAVARES, BECKER & FRANCO, 2011, p. 07).

Contudo, a partir desse novo contexto educacional, o que devemos passar a entender é que o texto na sala de aula tende a ser tratado como um produto social, e não mais como uma produção estática e descontextualizada com o meio em que se aplica e/ ou propaga. Portanto, a forma de transmissão do conteúdo também será atualizada, uma vez que o constante avanço tecnológico solicita que nossa prática docente contemple e encaminhe nossos alunos para o uso da língua e produção de textos nas mais variadas situações comunicativas, a partir da utilização de práticas de leitura eficientes e motivadoras.

Assim, vamos entender que nossa sala de aula, para melhor acolher e envolver os nossos discentes deve estar compromissada em propor os seguintes aspectos:

- 1) Melhor forma de apropriação de conceitos e metodologias educacionais para a sociedade atual, em especial na Educação de Jovens e Adultos, e assim contribuir com a melhoria do Ensino nas escolas públicas do Brasil;
- 2) Utilização de questões sociais, a exemplo dos negros e afrodescendentes diante das relações de trabalho, comportamento e estereótipos de sua sensualidade, com os alunos de EJA;

- 3) Praticar a leitura de textos do cânone literário com os jovens trabalhadores, em sala de aula, de maneira motivadora, contextualizada e útil;
- 4) Formar um público leitor crítico, na EJA, a partir do uso das TDIC, como mediadora da literatura seja como acesso ou como promotora da recepção de ideias, reflexões, proporcionadas pela leitura.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que é mais que urgente uma mudança mais que radical na nossa concepção e abordagem metodológica no ambiente escolar e mais especificamente na maneira que conduzimos o ensino através da leitura literária. Dessa forma, em meio a tal angústia, encontramos, em estudos que tratam sobre a condução do texto literário em sala de aula, o método recepcional, Aguiar & Bordini (1988), a leitura cultural, Gomes (2014) e a proposta humanizada para a EJA de Cruz (2012), como válidas oportunidades para conduzimos a prática de leitura na sala de aula do século XXI.

Por tais métodos visualizamos uma possibilidade em proporcionar uma aplicabilidade aos textos literários, como contribuição para a formação crítica do cidadão, como também gerar o sentimento de pertencimento à cultura negra e afrodescendente entre os leitores, ação tão necessária para futuramente banir atos de racismo em nossa sociedade. Assim, para melhor entendermos como esses métodos atuarão em nossa sala de aula, desenhos uma quadro que apresenta a estrutura de como se dará o desenvolvimento e aplicação da Oficina de Prática de Leitura, para que haja uma melhor compreensão sobre a atuação dos conceitos teóricos estudados neste caderno:

APLICAÇÃO DOS MÉTODOS	PROPOSTA HUMANIZADORA DE LEITURA LITERÁRIA					
			Método Cultural de Leitura		Método Recepcional	
OFICINA	01	02	03	04	05	06
ATIVIDADE	Sensibilização à prática da leitura do texto literário	Identificação das personagens da obra	Análise da apresentação e comportamento das personagens da obra	Construção de sentidos	Construção de sentidos	Apresentação de atividades

LITERATURA E AFRODESCENDÊNCIA: formação ética na escola

O debate acerca das questões étnico – raciais nas escolas é algo que vem se tornando palco de muita discussão entre a sociedade, comunidade escolar e organizações de luta, já que até então não se tem delimitado ao certo sobre como levantar tal questão entre os alunos, de maneira que seja possível desenvolver a criticidade, divulgar os aspectos históricos e culturais de maneira que se preserve e reconheça sua importância para o desenvolvimento de uma nação.

Para tanto, vamos nos ater aqui a tratar sobre os estudos Afro-brasileiros na intenção de aprimorar nosso conhecimento sobre o assunto e então contribuir no desenvolvimento da cidadania entre aqueles que ainda se encontram nos bancos escolares, na sorte de construirmos uma sociedade mais justa em meio às diversidades culturais. Contudo, é sempre bom que entendamos que a importância à atenção aos estudos afro-brasileiros, segundo Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, é dada porque eles “focalizam as raízes africanas e as problemáticas de vida e formação humana enfrentadas pelos negros, dialogam com conhecimentos produzidos por outras raízes étnico-raciais que constituem a humanidade (...)” (SILVA, 2010,p. 37). Portanto, diante desse evento, o Conselho Nacional de Educação, em seu parecer acerca da lei nº 10639/2003, reforça sobre o nosso papel na escola e considera que

Precisa, o Brasil, país multiétnico e pluricultural, de organizações escolares em que todos se vejam incluídos, em que a cada um seja garantido o direito de aprender e de ampliar conhecimentos, sem obrigar a anular suas origens e meio em que vivem, muito menos adotar costumes, ideias e comportamentos que lhe sejam adversos” (CNE/CP 3/2004, p.18)

Nessa perspectiva, observamos que o tratar das relações étnico-raciais de forma ética, desde os bancos escolares, é motivador para a construção de uma nação que viva e pratique o respeito, como também divulgue aspectos acerca de sua cultura e história; quando são realizadas atividades em que se objetive apresentar e reconhecer a participação dos africanos e seus descendentes na organização do país. Em meio a isso, compreende-se o nosso grande papel da Escola para a formação ética dos cidadãos, principalmente aos afro-descendentes, de forma que não se sintam obrigados, quando atuando em sociedade, a negar seu pertencimento étnico-racial. Contudo, para isso ocorrer com eficiência, SILVA (2010) chama a atenção para o fato de que nós, profissionais envolvidos, devemos estar comprometidos não apenas com o conteúdo ministrado, mas também que estejamos envolvidos com o social; e ainda enfatiza colocando que

é importante desde logo esclarecer que não se trata de abolir as origens europeias da escola da qual todos somos tributários. Com o enegrecimento da educação se propõe escola em que cada um se sinta acolhido e integrante, onde as contribuições de todos os povos para humanidade estejam presentes, não como lista, sequência de dados e informações, mas como motivos e meios que conduzam ao conhecimento, compreensão, respeito recíprocos, a uma sociedade justa e solidária. (SILVA, 2010, p. 41).

Dessa forma, percebe-se que assim que exista o reconhecimento de sua identidade a formação crítica do cidadão torna-se mais efetiva, pois aplicando conceitos da alteridade, cada participante tem a oportunidade de se colocar um no lugar do outro, porém sem deixar de ser o que é; a ação parte apenas para um reconhecimento e aceitação de sua existência. Entende, assim, que dentro desse contexto de enegrecimento da educação temos a oportunidade de educar o jovem havendo a superação da arrogância daqueles que se têm como superiores e o retraimento dos que são levados a se sentir inferiorizados. Contudo, aqui não se faz a apologia do favorecimento de apenas uma raça, como em especial colocar em evidência os negros, frisa-se que, diante desse processo, o interessante está em acolher o negro, reconhecer seu valor perante a sociedade, história e cultura dos africanos e seus respectivos descendentes, de maneira que possam construir, de forma livre, um determinado pertencimento étnico-social para o exercício da cidadania, dignamente. Já para o grupo não negro o que acontece, na oportunidade, é promoção da abertura de novos modos de pensar acerca da organização e condição social.

Acreditamos que em meio a toda essa problemática, no intuito de construir uma identidade, enfatiza-se que ao realizarmos uma atividade em sala de aula, na qual “o propósito é romper com significados produzidos em perspectivas eurocêtricas” vê-se a oportunidade para colocar ainda em discussão que “o esforço para enegrecer a educação e, por conseguinte a sociedade visa reverter os efeitos da homogeneização promovida pelos colonizadores de territórios e de mentes” (SILVA, 2010, p. 42). Portanto, aqui melhor se entende o porquê do mundo africano ser melhor estudado e compreendido a partir da visão dos próprios africanos e também de seus afrodescendentes, por assim compartilharem de uma matriz histórica e cultural em comum. Nesse ato, a nossa mediação, como professores, é de grande importância.

Outro fator interessante a levantar, diante da oportunidade de levar para a nossa sala de aula o estudo das questões afro-brasileiras e africanas, é de trabalhar, também, questões políticas, dar a oportunidade de questionar as rotulações eurocêtricas que quase sempre estão a postos para marginalizar, menosprezar, anular as contribuições que os africanos disponibilizaram para a humanidade; rejeitando e possibilitando, assim, o acesso às

informações que por muitas vezes são tratadas fragmentadas ou descontextualizadas de seus respectivos eventos; ações que corroboram para o acesso e desenvolvimento do racismo.

Nessa perspectiva, evidencia-se cada vez mais a necessidade em investir nos estudos afro-brasileiros de maneira que eles sejam capazes de servir como aportes teóricos para o entendimento dos aspectos culturais presentes em nossa sociedade, para a formação de cidadãos observadores, atentos e que questionem quando da verificação da diversidade, o espaço para a igualdade de direitos. Porém, nossa abordagem metodológica aplicada entre os alunos para socialização do saber deve também ser ressignificada e o material utilizado em diálogo com a temática proposta.

Então, mesmo que entendamos da necessidade de se levar adiante a temática sobre o Negro, devemos ainda lembrar que nem sempre há o espaço para tal voz. O pesquisador Eduardo de Assis Duarte ratifica dizendo que muitas das vezes, e a literatura brasileira é o maior exemplo disso, o negro sempre é visto na condição de escravizado; mas se é colocado como um homem livre, ele está inserido na sociedade escravocrata e ainda tenta levantar sua voz contra a barbárie do cativo, sendo um sujeito dolorosamente integrado ao regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordanças (DUARTE, 2011, p. 5). Por isso, a figura do negro, ou mesmo uma temática relacionada a ele gira sempre em torno de questões marginalizadas e/ou pejorativas; entra num senso comum.

Contudo, o que se entende, em meio a tal condição, que mesmo a literatura sendo um lugar para a expressão da criatividade, de liberdade de expressão, o que identificamos nas obras que tratam ou que possuam elementos afros em seus respectivos enredo é que o que impera, ainda, é um olhar e comportamento que visa o negro como escravo, marginalizado e excluído; fato esse repetido em diversos textos literários de maneira estereotipada, ultrapassando gerações. Na verdade, por conta do processo de formação do país, isso é identificado em virtude da função e imagem que foram impostas por meio dos mandos e desmandos europeus. O que então há em jogo é uma relação de poder mantida até a atualidade.

Na verdade, rotular o comportamento, características, cultura africana como algo marginalizado e desprovido de valor é fruto de um comportamento, como aqui já citado, de um movimento eurocêntrico forte o suficiente para propagar em várias gerações a ideia de necessidade de exclusão, sem que haja a contestação ou mesmo a disponibilidade de uma pesquisa em busca de uma verdade, por esse motivo entendemos que até mesmo no século XXI ainda teremos a reprodução de discursos preconceituosos do período escravocrata, de

nosso país justamente por conta de vivermos em meio a um sistema que controla os atores sociais, no qual as classes desfavorecidas pouco têm espaço para mostrarem-se, compartilhar.

Diante desse impasse retornamos à questão da literatura e abrimos a discussão sobre suas contribuições na formação de leitores críticos, ao atuar como instrumento de resgate a partir da temática proposta e sobre a análise da postura do autor/poeta diante desse movimento etnocêntrico responsável por inferiorizar o negro.

Seria então a oportunidade de pensarmos na literatura afro-brasileira, de maneira que ela tenha e disponibilize um espaço oportuno para divulgar e provocar a reflexão acerca do negro, por meio da análise de sua existência e a condição entre o hoje e, principalmente, o passado, pois “mesmo depois da Abolição, a cor escura continuou em muitas instâncias da vida social brasileira a ser encarada como “defeito”.” (DUARTE, 2011, p. 16).

Por meio dos estudos desse autor, concluímos que por meio daquela literatura fica mais claro identificar e ampliar o conceito acerca de afrodescendência, que parte de maneira bem mais ampla sobre o fato da construção de identidades e que passa pela questão de proporcionar aos textos um momento ideal para a reflexão dos elementos identificados da cultura africana e, por consequência, relacionar o que temos dela herdada com a forma, hoje, de vida, organização e cultura afro-brasileira.

Nesse espaço, observa-se que este Caderno contempla aquilo que é sugerido pelo Conselho Nacional de Educação e de todo debate realizado acima, quando o mesmo discute sobre a inclusão e possibilidade em estudar a Cultura Afro de maneira reflexiva e com base na visão do pertencimento de uma identidade. Portanto, na oportunidade, verificamos o quanto a literatura pode contribuir com esse trabalho, se a ela for oportunizada, também, uma perspectiva diferenciada e voltada para a minimização das diferenças, sem se evidenciar uma ou outra raça; apresentando-se coerentemente para desmistificar conceitos elaborados ao longo do tempo e então proporcionar, entre os atores do evento, um pertencimento étnico afrodescendente.

TDIC E LITERATURA: uma proposta de mediação para ampliação do horizonte

Diante ao até aqui exposto, fica notório o quanto é necessário criar estratégias atualizadas em sala de aula para a efetivação de um ensino mais significativo e de qualidade. Assim, de maneira a trazer mais facilmente o aluno para tal atividade, verificamos que os recursos presentes nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação podem nos auxiliar na mediação do conteúdo.

Segundo José Armando Valente “o computador não é mais o instrumento que ensina o aprendiz, mas a ferramenta com a qual o aluno desenvolve uma tarefa por intermédio do computador” (VALENTE, 1998, p. 12). Assim, através dessa afirmação podemos enfatizar o fato de que o nosso aluno que hoje retorna aos bancos, já detém de conhecimentos prévios. Esses, muitas vezes, também são os relacionados ao uso de algum aparato tecnológico, porém precisam ser lapidados e melhor acomodados para que assim estejam relacionados a uma efetiva aprendizagem.

Visto dessa maneira, aqui confirma a necessidade de que temos que revolucionar as atividades escolares, de maneira que seja possível trabalhar numa perspectiva intertextual. Entende-se que a relação com os vários tipos de textos com o leitor pode ser eficiente, a ponto de fazer com que os atores desse processo sejam capazes de perceber que com a utilização de diversos signos, a linguagem textual torna-se interativa e não mais estática.

Para os autores Mary Rangel e Wendel Freire “o uso das tecnologias de modo construtivo e igualitário, pode favorecer interações e troca de ideias, numa perspectiva dialógica que estimule o pensamento crítico e oriente as práticas psicopedagógicas” (RANGEL & FREIRE, 2012, p.41). Por isso, para esse novo contexto, teremos uma nova abordagem da leitura e escrita/ autor e leitor e finalidade dos textos. Tudo para atender a Sociedade Digital do século XXI e aqui não devemos mais pensar que é somente o ambiente escolar o espaço mais apropriado para suscitar essa discussão e preparar o aluno, uma vez que agora ele já frequenta os bancos escolares com conhecimentos que ele antes só aprenderia na escola, tudo por conta do contato dinâmico da comunicação digital e virtual.

Então, deparamo-nos aqui com a aplicação de um “modelo cultural de leitura como uma opção política de interpretação para dar visibilidade às questões identitárias por meio da recepção textual.” (GOMES, 2012, p. 168). No entanto, estamos diante de uma ação pedagógica que tem como ponto primordial a valorização da prática da alteridade e o

reconhecimento das diferenças identitárias, nos seus variados contextos, a exemplo de questões relacionadas à classe, raça, gênero, de sexualidade etc. Para esse debate, o autor coloca ainda que

O modelo cultural de leitura parte do questionamento da identidade hegemônica para incluir a alteridade como parte da leitura. A valorização do Outro se constitui em uma ferramenta interpretativa do texto, pois o pertencimento identitário também sugere diferentes abordagens sobre exclusão, uma vez que quando pertencemos a um grupo, excluimos outros. Isso porque, nas representações sociais, o pertencimento é uma opção ora pessoal, ora coletiva (GOMES, 2012, p. 171).

Dessa forma, surge então o momento de se pensar em uma prática pedagógica e consequentemente um método de leitura cultural, mais eficientes e atuais. O fato é que “se modificar as questões da escola, modifica-se também o papel do professor, o qual passa de apresentador da informação para facilitador no processo ensino-aprendizagem” (VALENTE, 1991, p. 17). Então, reconhece-se que as TDIC são aparatos de motivação para alunos e professores, desde que a utilização delas não seja de forma aleatória, mas planejada e aceita pelo docente.

Portanto, com o objetivo de formar leitores para textos literários, este Caderno propõe a nós professores da Educação Básica uma atividade de leitura para o romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, mediada também pelo uso de uma TDIC. A princípio lançamos mão do uso de *Podcast*, por ser uma ferramenta que por explorar a gravação de áudio nos dá a possibilidade de registrar as considerações acerca de um determinado tema. Ele é “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na Internet”, (Primo, 2005, p.17), entende-se que essa atividade está pautada na perspectiva crítica do letramento digital, pois pode explorar o uso das TDIC a partir das adaptações de textos literários para o áudio, com respectivos comentários.

Dessa forma, o Caderno sugere que ao ler *O cortiço*, o aluno seja capaz de fazer um debate sobre as questões raciais e produzir um *Podcast* apresentando suas considerações acerca de seu novo olhar para a condição do negro na sociedade e principalmente um ponto-de-vista sobre a questão estereotipada da sensualidade da mulher negra e da mulata. Essa leitura literária deve primar por uma abordagem que inclua no processo de interpretação, os intertextos culturais que tratem do racismo, dentro da história do Brasil. Esse modelo cultural de leitura tem como princípio a realização de uma atividade interdisciplinar que propõe um roteiro de leitura a partir da análise das representações identitárias. Nesse caso, o leitor

atualiza para o seu tempo os sentidos das questões raciais apresentadas ao longo desse romance de Aluizio Azevedo.

Essa abordagem de leitura passa pela compreensão do texto, pelo debate e troca de experiência entre os alunos e pela produção de áudios com a parte interpretativa dos textos lidos. Dessa forma, a atividade de leitura do texto literário abrangerá tanto as perspectivas do letramento literário como o uso das tecnologias digitais, pois podemos usar os celulares para as gravações e publicar os áudios em redes sociais das quais os alunos façam parte. Com isso, pautamos por um processo de recepção do texto literário de forma lúdica e dinâmica, respaldado pelo uso das TDIC.

Assim, tento em vista que o *Podcast*, na educação, pode ser usado “para apresentar conceitos, dar feedback, orientações, recomendações, propor trabalhos, fazer revisões, sínteses, convidar os alunos a fazerem uma reflexão, etc.” (CARVALHO, 2010, p. 04); primamos pelo seu uso nas aulas de Leitura como o mediador para o processo de letramento literário e, assim, corroborar com a formação do leitor crítico nas salas de aula da EJA, pois para a produção do áudio, anteriormente o aluno deverá ler o texto literário e então apropriar-se de sua informação, quando interpretá-lo.

Ao permitir que se haja o letramento literário entre os alunos matriculados na EJA, estamos contribuindo com a formação crítica e leitora desses alunos. Uma vez que o letramento literário tem como premissa proporcionar a apropriação de novos conteúdos através dos textos literários, verifica-se que pode ser pela leitura desses que o conhecimento possa vir a ser apreendido e disseminado. A partir do momento em que é possibilitado ao leitor tomar posse de um novo conceito, conhecimento ou emoção, observa-se que esse é um meio que contribui para favorecer o crescimento e a formação pessoal do “Eu”, leitor. Um exemplo básico, que podemos representar aqui, seria a sensação que há quando lemos um poema, pois por meio dele poderemos encontrar palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. Aqui, Rildo Cosson coloca que

por meio da experiência com a literatura obtemos palavras para dizer o mundo e um mundo a ser vivido. Esse mundo é inicialmente do outro, posto que toda leitura é diálogo, mas nós o tomamos e experienciamos como nosso, rompendo os limites espaciais e temporais de nossas vidas (COSSON, 2014, 50-51).

Nesse sentido, considerações como as da pesquisadora Annie Rouxel agregam a nossa proposta de prática de leitura, em virtude de ela considerar que a prática docente, na atualidade não deve mais permear em atividades formalistas, isto é, “trata-se de sair do formalismo – da atividade de leitura concebida como lugar de aquisição programada de

saberes – e de transformar a relação dos alunos com o texto literário acolhendo suas relações subjetivas” (ROUXEL, 2014, p. 21).

Nessa perspectiva, entendemos que o uso não somente do *Podcast*, mas também de outras ferramentas da TDIC, a exemplo de vídeos, em sala de aula, contribuem tanto para a motivação como para o desenvolvimento da capacidade leitora do aluno. Ao envolvermos a utilização de ferramentas tecnológicas, sugerimos uma atividade lúdica e criativa, que rompa com as atividades mecânicas de leitura e interpretação do texto literário que não despertam o interesse dos alunos. As tecnologias interativas possuem um papel fundamental no ensino da atualidade. Oportunizar o uso delas como ferramentas didático-pedagógicas é uma possibilidade de tornar a escola, vista como instituição milenar, mais próxima e atraente para alunos do século XXI, oferecendo o letramento digital.

LEITURA LETERÁRIA – ABORDAGENS E OFICINA SOBRE O ROMANCE *O CORTIÇO*

Obra pertencente à estética Naturalista, publicada no ano de 1890, do escritor brasileiro Aluísio Azevedo, traz em seu enredo uma representação da tese naturalista que trata da questão que a formação do ser humano é dada pelo contato e influência do meio, raça e seu contexto histórico. Para tal, o autor aborda nos 23 capítulos da obra temas sobre a organização da vida e comportamentos de um grupo de pessoas, pobres, que habitam de forma coletiva um espaço conhecido como cortiço, no final do século XIX, no Rio de Janeiro.

O enredo apresenta um narrador de 3ª pessoa, onisciente, que tem em suas mãos o controle de toda a atmosfera do romance, entra no pensamento dos personagens, faz julgamentos e tenta comprovar, como se fosse um cientista, as influências para a formação do homem; assumindo, assim, os preceitos da pesquisa Naturalista.

Mais do que empregar as ideias do naturalismo, a obra mostra práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Temas sobre o capitalismo, exploração da mão de obra, condição do negro na sociedade, homossexualismo, a sensualidade da mulher negra e brasileira são posto de forma muito viva, o que corrobora em dizer que "O Cortiço" não é somente um romance naturalista, mas uma alegoria do Brasil.

Ainda encontramos um espaço no texto para perceber o tom preconceituoso do final do século XIX, num discurso que se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio, que no caso caracterizado pelas suas baixas condições, superlotação e composto de sua maioria negra e outros excluídos da sociedade, desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degradação humana. Entretanto, em meio a todo esse cenário observa-se que o livro apresenta outras questões pertinentes para se pensar sobre o Brasil e que ainda são atuais, como a imensa desigualdade social.

Para a apresentação desse contexto temos ao longo da obra as principais personagens, com suas respectivas funções para o enredo da trama:

- **JOÃO ROMÃO** – Português, dono da pedreira e do cortiço. Representa o capitalista explorador.
- **BERTOLEZA** – Quitandeira, escrava que mora com João Romão, que a explora dia e noite em troca da suposta compra de sua alforria.
- **MIRANDA** – Comerciante português, inimigo de João Romão, morador de um sobrado aburguesado, ao lado do cortiço.

- **JERÔNIMO** – Português “cavouqueiro”, trabalhador da pedreira de João Romão, representa a disciplina do trabalho.
- **RITA BAIANA** – Mulata sensual e provocante que promove as festas e alegria no cortiço. Representa a mulher brasileira.
- **PIEIDADE** – Portuguesa, casada com Jerônimo. Representa a mulher europeia, feita para tomar conta do lar, desceute e submissa.
- **ARRAIA-MIÚDA** – Representada por lavadeiras, caixeiros, trabalhadores da pedreira e pelo policial Alexandre.

LEITURA CULTURAL DE *O CORTIÇO*

A leitura de *O Cortiço* na EJA: espaço dialógico e a atualização do texto literário

Diante das discussões levantadas até o momento, este caderno oferece neste espaço uma oportunidade para que você, professor, que deseja trabalhar o texto literário por meio de uma abordagem cultural, então possa melhor conscientiza-se que cabe pensarmos em uma oportunidade para o trabalho da literatura afro-brasileira, a partir de um corpus centrado na prosa, de maneira dialógica com a literatura brasileira, de forma a verificar como cada texto pode vir a completar, esclarecer ou mesmo ampliar a ideia de outro.

Contudo, tendo como objetivo trabalhar uma metodologia de prática de leitura entre jovens do ensino fundamental, em especial os matriculados na EJA, de maneira que esses possam tornar-se leitores críticos; mostraremos, por meio de *O Cortiço*, que quando a obra é atualizada para os aspectos culturais, comportamento, ideologia de quem a lê, é possível o texto ser interessante e significativo.

Justamente, pensando nessa questão, trazemos a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, conduzindo todo um trabalho de construção de identidade baseada nos valores de pertencimento e valorização da cultura africana. Para isso, trazemos 03 reflexões para a construção do olhar que deve ser depositado ao texto, para a realização da atividade proposta neste Caderno. Acompanhe-as, em seguida, e revolucione suas aulas de leitura literária.

Reflexões sobre o conceito de literatura afro-brasileira

Ao tratar especificamente de textos que trazem a temática da cultura africana, o pesquisador Eduardo de Assis Duarte em seu artigo *Por um conceito de literatura afro-brasileira* nos esclarece acerca de algumas particularidades que devem ser levadas em consideração, quando então tratarmos de textos oriundos e identificados como uma literatura afro-brasileira, tais como:

Uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2011, p. 07)

Nesse contexto, percebe-se que a obra selecionada compactua com a discussão de Duarte, pelo fato de que Aluísio disponibiliza no enredo indícios de que sua vida pode ter influenciado na construção das personagens. Aluísio de Azevedo - natural do Maranhão, estado que pertence a uma das regiões do Brasil com maior número de escravos e onde a cultura negra é muito marcante; filho de pais separados; morador do Rio de Janeiro, terra tida como o berço do samba e do carnaval - é reconhecido como o “O primeiro romancista de massas” da literatura brasileira. Portanto, por meio do seu olhar particular e pessoal, a cultura popular é apresentada, através das personagens negras em *O Cortiço*, a exemplo da comida, a música, a dança e de algumas gírias que são elementos dos costumes afrodescendentes, cujas origens estão registradas apenas na tradição africana, que por ventura ele tinha muito conhecimento.

O lugar do negro na sociedade pela representação das personagens do romance

Identifica-se que o texto literário selecionado para a ocasião nos traz algumas personagens e situações que nos possibilita fazer um estudo analítico acerca da condição do negro no Brasil, desde o século XIX, momento de publicação do texto, até os dias de hoje; o que corrobora para a formação crítica do nosso leitor de nível escolar. É interessante perceber que cada personagem em *O Cortiço* tem seu espaço delimitado para o retrato social, em virtude também, da obra ser da estética Naturalista e por ter um caráter científico, de análise da condição humana. Tal fato, então, contribui com o que temos para a função de cada elemento que dá vida à narrativa da obra e que nos possibilita realizar um diálogo entre a memória de mundo e o que se adquirir, ao longo da leitura, com a memória literária.

Tipos como Rita Baiana, Bertoleza, Capoeirista Firmo, Lavadeiras e a Raia Miúda são os negros das obras que num processo de atualização para os dias de hoje são, nesta ordem, a mulher vista como desejo para atendimento ao sexo do homem branco, a trabalhadora ainda escrava lotada nas atividades tidas como inferiores na sociedade (serviços domésticos, limpeza, cuidadoras, cozinheira etc), o trabalhador brasileiro e todos aqueles que não conseguiram se inserir na sociedade e por isso são tidos como marginalizados e excluídos.

O romance *O Cortiço*, datado a sua primeira publicação em 1890, representa, diante da proporção como descreve as cenas, os fatos e personagens, como uma cópia fiel do comportamento e vida daqueles trabalhadores humildes e excluídos na sociedade; dentro de um espaço físico, limitado, e que para o leitor real, que aqui defendemos construir no espaço

escolar, é esperada uma “recepção atenta de questões que envolvam o sentido de ética” (TINOCO, 2010, p. 60).

Contudo, diante desse cenário, o que percebemos é que o que pode ser compreendido como uma representação do negro na Literatura Brasileira é a marca sempre forte e determinante de estereótipo e preconceito, sujeitados dentro de uma época. Desde os tempos do período da escravidão, os negros são representados pelos literários como aquele ser “de índole escrava, humilde e resignado, como aparece no romance de José de Alencar” (CASTILHO, 2004). Diante do cenário, por mais que houvesse esforços, difícil era abonar tal marca degradante, oferecida aos afrodescendentes. Nas obras, a descrição, em especial as do período naturalista, das personagens de origem negra são descritas com exagerado aspecto imoral, algo relacionado à feiura e bestialidade, o que ratifica como um ser inferior tanto numa visão biológica, como culturalmente. A ideia, então, que esses romances passavam é que “a companhia de negros não é saudável porque eles não controlam seus instintos animais, não tem moral e podem destruir a de quem tem, no caso, a moral dos brancos” (CASTILHO, 2004).

O Negro e sua imagem estereotipada- da ficção à realidade

Retornando para a análise do romance *O Cortiço*, verificamos que o escritor abolicionista Aluísio de Azevedo também se utiliza de determinados estereótipos incumbidos à raça negra, o que podemos interpretar como uma crítica ou uma forma de demonstrar o nacionalismo, para a ocasião de sua época e sua história de vida. Portanto, aqui, diante do procedimento de leitura adotado em sala de aula, abre-se o espaço para o confronto entre o que há de literário e os dias atuais; de maneira a suscitar entre os leitores a formação de um ponto- de- vista acerca do estado da condição do negro, identificado hoje, no meio social.

Contudo, não podemos deixar de salientar que o autor pertencente à estética Naturalista, que se utiliza de conceitos oriundos dos estudos de Charles Darwin, o qual trata, dentre outros pontos, sobre uma teoria que afirma a existência de uma raça superior e inferior, que na oportunidade entendemos como a branca e negra. Dessa forma, pela leitura da obra, percebemos que o autor não se ocultou em realizar uma observação racista de suas personagens. Por isso, ao longo da narrativa é fácil perceber algumas representações de homens e mulheres negros que se mantêm até hoje: a mulher negra é trabalhadora e explorada, a mulata é assanhada e o homem negro um ser vadio e perigoso.

Com relação às personagens, no encontro com toda a narrativa da obra e questão, e já exemplificando o que foi discutido aqui, anteriormente, verificamos a personagem Bertoleza. Mulher negra e escrava, representante de uma sociedade escravocrata em processo de abolição e que, por conseguinte, é associada à vulnerabilidade social, pois mesmo estando supostamente “forra”, ou pelo menos comunicada que está, continua trabalhando como uma escrava e sendo submissa ao seu companheiro João Romão, o qual ela denuncia gratidão e amor. Observando a frase “O vendeiro nunca tivera tanta mobília” (AZEVEDO, 1984, p.25), notamos a formação da consciência dela acerca de sua participação na vida de Romão para que ele pudesse adquirir posses e enriquecer. Ao perceber que é rejeitada e que não teve sua alforria comprada, conforme certa passagem que ele oferece a ela essa ajuda, surge, nesse momento, a sensação e o desejo para o senso de justiça e apresentação da baixa autoestima da personagem, em relação ao se colocar como negra e que mesmo em condições diferenciadas de um processo de escravidão, o olhar dela volta-se para a representação do que é o negro para a sociedade; quando esteve em conversa com João Romão:

_ Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e ma atira à toa! exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! [...]” [...] “Você é fino, mas eu também sou! [...]” “_ Ora essa !Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! Quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! Quero o meu regalo, como você quer o seu! [...]” “_ Ah! agora não me enxergo! Agora eu não presto para nada! Porém quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e agüentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia para um tudo; Agora não presta para mais nada , e atira-se com ela no monturo do cisco! [...] (AZEVEDO, 1984, p. 197).

Diante do resgate iminente da polícia por ser considerada uma escrava fugida, Bertoleza não vê outra saída a não ser cometer o suicídio. Ela, sendo negra, representa na sociedade uma condição inferior e para enfatizar sua condição o autor sempre faz questão de apresentá-la sob um olhar negativo e ater sua descrição de maneira deprimente ao usar palavras como: suja, fedorenta, feia; denotando que ela seja um animal, submissa, ignorante e sem emoções.

Contudo, é interessante notar que outras personagens negras, no texto de Azevedo, a exemplo das lavadeiras e a raia miúda, também são colocadas como tais seres inferiores e não dignos de uma melhor condição, por isso habitam em um cortiço, amontoados e sem perspectivas, ou melhor sorte; afinal são negros.

Entretanto, contrariando ao que vemos relatado e sugerido a essa classe, encontramos outra personagem, de origem afrodescendente, que ocupa o papel de ser o símbolo da personalidade e nacionalidade brasileira; a mulata Rita Baiana. Se pelo texto *O Cortiço*, Aluísio Azevedo tem a intenção de divulgar os costumes populares da cultura negra, vimos que é essa personagem a guardiã de tal responsabilidade. É a música (tratada pelo seu

namorado Firmo), a dança, a comida e a bebida (o café e o parati) que encontram os pontos positivos da referida cultura e dignos de apreciação pelo branco, pois é em contato somente com esses elementos que notamos a presença e envolvimento com o branco. Fato que não se difere com a realidade atual. É através das festas, artesanato e culinárias de origem africana que nos deparamos com o envolvimento e aceitação da relação entre negro x branco, sem qualquer sensação de preconceito; talvez por saber que são ações únicas e exclusivas dos afrodescendentes.

Ao ser porta-voz de expressiva e rica cultura, Rita Baiana é descrita como sendo detentora de inúmeras qualidades e deixando bem claro que ela é uma mulher livre, bela, asseada, perfumada, alegre, independente, solidária, querida por todos do cortiço, tem bons sentimentos, sabe cantar e dançar. Por ser dona da naturalidade baiana, a ela é conferido o status da mais sensual, porém rebelde por não aceitar e seguir regras e por isso possui voz própria na narrativa. Observe como é descrita a mulata, quando por um tempo afastada do cortiço, resolve retornar:

— Olha! quem ai vem!
 — Olé! Bravo! É a Rita Baiana!
 — Já te fazíamos morta e enterrada!
 — E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida?..
 — Então, coisa-ruim! por onde andaste atirando esses quartos?
 — Desta vez a coisa foi de esticar, hein?!

Rita havia parado em meio do pátio.

Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador (AZEVEDO, 1984. p. 68- 72).

Sobre essa questão, chega-se à conclusão de que a visão atribuída hoje à mulher afrodescendente é um resquício de nossa história, do processo de organização do país o qual Aluísio de Azevedo bem marca e deixa “espaço abertos” em seu texto para o leitor relembrar desse fato e assim refletir sobre a condição do negro na sociedade, em especial a construção da imagem da mulher negra e da mulher mulata, fato que também faz perpassar em outros textos da história da literatura brasileira, como bem coloca Eduardo de Assis Duarte,

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores (DUARTE, 2010, p. 24).

A figura do negro em nossa sociedade, hoje, é oriunda de uma construção histórica. A questão de ver a mulata para saciar vontades é tida como tão natural, já que facilmente identificamos em uma ou outra leitora, da referida obra literária, a identificação com a personalidade e comportamento de Rita Baiana. No enredo, a partir de sua sensualidade, consegue despertar o desejo de todos os homens, principalmente de um europeu, Jerônimo, que por ser de nacionalidade diferente dos que habitam o cortiço, coloca-se como especial e merecedor do amor da mulata, pois ela sim, segundo o próprio, sabe tratar um homem como deve ser, em detrimento ao tratamento de sua esposa, de nacionalidade também portuguesa, que bem apenas está limitada a cuidar do lar e ser a acolhedora da família, afinal ela é branca.

É interessante colocar, também, que essa visão sexualizada da mulher negra não é nenhuma novidade ao texto de Azevedo. Ao longo da história da literatura brasileira tal questão já foi identificada, na qual é sempre atribuído e narrado que às personagens negras o sinônimo delas é de um corpo disponível, principalmente as mulatas, um ser sedutor sem direito à razão, sentimentos ou alguma forma de sensibilidade e desejo de formação de uma família. Segundo Duarte, “a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier* fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz” (DUARTE, 2010, p. 24), e assim, cabe a ela apenas está a serviço do prazer do homem branco, europeu.

Contudo, a personagem não está isenta de um tratar negativo. Para alguns, na ocasião às mulheres brancas, principalmente à esposa, portuguesa, de Jerônimo, D. Piedade; a mulata é vista como uma pessoa imoral, infiel, irresponsável, preguiçosa, de comportamento malicioso e pervertido, dominado pelo desejo e estímulos sensoriais. Fato que não a exclui de ser inferiorizada.

Outras personagens que no texto também possuem uma apresentação diferenciada seriam as criadas de Miranda: Isaura e Leonor. Contudo, são colocadas como “diferentes” por conta da etnia a que pertencem. A criada Isaura é uma mulata, moça e tola; já a negra Leonor é “lisa e seca”, tem carapinha e conhece a vasta “tecnologia da obscenidade”. Porém, as personagens Marciana e sua filha Florinda já se apresentam com as mesmas características de Rita: a mãe é uma mulata respeitável e sua filha uma morena bonita, cobiçada por seus atributos físicos e virgindade.

Com relação ao mulato Firmo, temos a representação do malandro carioca, o que também pode ser considerado como um símbolo nacionalista. Sobre seu respeito, temos uma mistura de um posicionamento positivo, como negativo acerca de sua personalidade, pois em meio a um capoeirista, forte, encontra-se um homem mulherengo, cachaceiro, preguiçoso,

esperto, sedutor e vadio. Mulato, assim como Rita Baiana ostenta a responsabilidade de corresponder a uma marca nacional e divulgar, também, dois aspectos fortes da cultura popular africana: o samba e a capoeira.

Ademais, outras personagens, tratadas ao longo da trama também nos remetem para a percepção de que em toda obra há a tendência para o debate acerca da condição do negro na sociedade, justificada pelas teorias científicas e deterministas, vigente para a estética em questão. Portanto, tal análise nos encaminha a crer que a diversidade racial, identificada na obra de Aluísio Azevedo, é muito fortemente apresentada de maneira estereotipada e tendenciada pelas teorias vigentes no seu século; carregada de marcas preconceituosas que, infelizmente, convergem para que nos dias atuais contribuam para a existência do racismo; mesmo ele venha a ser divulgado nos mais variados meios de formação de opinião, na nossa cultura e sociedade: novelas, filmes, literatura, livros didáticos etc.

GLOSSÁRIO

Prezado professor a seguir disponibilizamos um breve glossário acerca de alguns conceitos considerados, para o fim deste caderno, como essenciais para seu conhecimento; de forma que de posse deles a atividade obterá um direcionamento e resultado melhores.

- **Literatura afro-brasileira** – Literatura realizada por aqueles que pertencem à história e cultura negra do Brasil e assim possuem propriedade para tratar das particularidades de origem africanas. Atuam como representantes das descendências africanas. (DUARTE, 2011)
- **Ampliação do horizonte de expectativas** – Encaminhamento interpretativo por meio de acréscimos de novos valores e ideias à memória literária. Compreensão do texto construída ao longo de um tempo a partir de um ponto de vista cultural e subjetivo. (BORDINI & AGUIAR, 1988)
- **Cortiço** – Na oportunidade, tratado como uma moradia de sistema coletivo para a população pobre. Também conhecido, em algumas regiões brasileiras de vila ou casa de cômodos conjugados.
- **Intertextualidade** – Promoção do intertexto cultural, diálogo entre textos de variados gêneros, porém de mesma abordagem, para a formulação da recepção da leitura literária. (GOMES, 2014)
- **Interdisciplinaridade** – Diálogo entre várias áreas de conhecimento para a contribuição e formulação da recepção da leitura literária. (GOMES, 2012)
- **Leitura literária** – Ato de ler a partir da preservação dos textos consagrados, os clássicos de uma determinada língua. Textos que por meio da subjetividade e linguagem expressiva conseguem dialogar com o leitor. (CRUZ, 2012)
- **Multiletramentos** – Verificação da existência, em uma mesma situação, do desenvolvimento do letramento da formação colaborativa, letramentos críticos, letramentos múltiplos e multiculturais. (ROJO, 2013)

- **Naturalismo** – Escola literária que tem como objetivo utiliza-se da ficção para explicar a condição humana. É por meio de situações analíticas que a estética procura comprovar que o homem é fruto do meio e, ou sua hereditariedade. **(COUTINHO, 2004)**
- **Recepção literária** – Relação dinâmica entre autor, obra e leitor para a construção de sentido ao texto. Formulação de ideias através da pluralidade de estruturas de sentido historicamente mediadas; fato que resulta na produção de um discurso. **(TINOCO, 2010)**
- **TDIC** – (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) - São as ferramentas e aparatos tecnológicos que atuam a partir do uso de computadores e a Internet e se opõem às TIC (tecnologias da Informação e Comunicação) pelo fato da inserção da modalidade digital. **(ALMEIDA & VALENTE, 2011)**

SOBRE A ATIVIDADE

Na oportunidade, apresenta-se uma metodologia a ser aplicada entre os alunos matriculados em turma de EJA, no objetivo de criar entre eles o senso crítico acerca da realidade e condição em que vivem, como também proporcionar a sensação de pertencimento à cultura afro-brasileira, no tocante à formação de identidades e raízes históricas.

Então, a partir da proposta humanizada de Cruz (2012) trataremos nossa atividade com base em 03 competências comunicativas – introspecção, imagem visiva e interlocução – que por fim dialogarão com o método de leitura cultural, Gomes (2014) que nos provoca a interpretar os textos de maneira renovada, por meio da comparação intertextualizada e a análise da identidade do leitor, partindo do texto até as tensões do dia-a-dia. Por fim, faremos uso também do método Recepcional, Bordini & Aguiar (1988) para trabalhar a percepção do texto através de um debate acerca do comportamento reconhecido diante do texto lido. Aproveitamos a oportunidade para mediar esse processo por meio da utilização das TDIC; acreditando ser essa uma forma para atrair o leitor ao ato de ler.

Portanto, de forma a ser possível desenvolver uma ação significativa com a leitura da obra *O Cortiço*, faz-se necessário, ainda, convidar o leitor a fazer a leitura de outros 02 textos, na intenção de despertar a criticidade acerca da condição do negro em nossa sociedade e então gerar o sentimento de pertencimento às raízes africanas. Assim, conduziremos a análise do texto de Aluísio Azevedo de maneira prática, contextualizada e associada às questões de pertencimento da cultura negra e afrodescendente.

Contudo, é importante colocar aqui que já que a obra em questão trata-se de um romance, o mesmo não seria possível ler na íntegra em um curto tempo, em apenas 06 encontros, nem tão pouco fragmentar sua leitura. Portanto, sugere-se que ela seja adotada para uma leitura ao longo de uma unidade do ano letivo, de modo que o aluno tenha tempo suficiente para encontrar-se com o texto; e assim, sob a mediação do professor, ao longo do desenvolvimento do período letivo, realizar a análise e construir conceitos através das conclusões obtidas durante todo o processo.

Diante dessa perspectiva aplica-se a atividade de leitura da seguinte maneira:

1º atividade – Apresentação de *O Cortiço* – momento realizado ao início da unidade letiva

*Professor,
na primeira oficina é interessante que o
aluno tenha o primeiro contato com o texto
literário de maneira bem prazerosa.*

Na oportunidade, os alunos participarão de um momento expositivo acerca da importância da leitura e suas contribuições acerca da formação e desenvolvimento do leitor sob vários aspectos. Em seguida será apresentada a obra *O Cortiço* situando-a no período em que foi produzida e sobre seu autor. Os alunos serão convidados a ler o primeiro capítulo e em seguida serão instigados a descrever o que leram e apresentar as impressões preliminares do enredo da obra e personagens. Para uma maior motivação à leitura, sugere-se apresentar à turma o livro-clip que acompanha este Caderno.

Previamente o professor deverá ter preparado cartolinas com imagens relacionadas ao texto e sobre os três olhares que serão trabalhados mais enfaticamente: condição do negro na sociedade, sensualidade da mulher negra, mulata e relações de trabalho com o negro. É importante colocar que em cada cartolina deve haver apenas uma imagem e serão produzidas com base na quantidade de alunos, da turma trabalhada. De posse das gravuras, cada grupo produzirá um pequeno relato acerca do que eles conhecem, vivenciam sobre o que veem. Essa ação deve ser mediada pelo docente que deverá motivar os alunos a colocar na cartolina o conhecimento de mundo, enciclopédico, deixando transparecer o ponto de vista sobre a situação visualizada.

Ao final do encontro, cada grupo fará uma breve socialização do que produziram e a aula encerra com a apresentação, em vídeo, apenas parte inicial do filme “O Cortiço”, seguida do comentário do professor e convite para a leitura restante do livro.

2º atividade – Sobre as personagens do romance

Duração 02 aulas

Para o segundo momento, procure contextualizar ao máximo cada personagem com o contexto sociocultural de seu aluno, isso contribui para haver o interesse à leitura.

Nesse encontro estudaremos as personagens apresentadas na obra, para tal, temos como base os capítulos II, III, IV, V, VI e VII. Nota-se que entre tais capítulos há uma preocupação em descrever as personagens que dão vida ao enredo, porém carregadas de estereótipos da sociedade vigente da época. De maneira que possamos atualizá-las para os dias de hoje, solicita-se aos alunos que criem grupos e que produzam um programa de rádio novela em formato de *Podcast*, gravando através do celular. O roteiro do programa será confeccionado por meio de uma ficha de produção de roteiro a ser distribuída para turma pelo professor.

Cada grupo deverá escolher aquelas personagens que mais se identificaram ou que chamou a atenção e assim fazer uma apresentação do capítulo, resumidamente, com base no ambiente, característica, comportamento contemporâneos. Anteriormente, os alunos serão conduzidos ao laboratório de informática da escola para conhecerem alguns *Podcast*, já selecionados pelo professor. Na impossibilidade do laboratório, o professor baixa o áudio e faz a reprodução em sala de aula por meio de um aparelho de som ou computador/notebook.

No ato de preenchimento da ficha, o professor fará orientações e instigará o aluno a se colocar no lugar da personagem para melhor apresentá-la. Devido o aluno da EJA não dispor de tempo fora do ambiente escolar para realizar suas tarefas; sugere-se que toda a ação seja feita em sala de aula e que o professor crie um repositório para armazenar as gravações para futuramente criar um mecanismo para socializá-las.

3º atividade – Análise comportamental das personagens da obra

Duração 02 aulas

Aqui estamos diante da recepção do aluno; por isso, professor, a intertextualidade é de grande importância. Utilize a seu favor e adequada à realidade do aluno.

O objetivo desse encontro é possibilitar que o aluno construa novas imagens e sentidos às questões relacionadas à sensualidade, relações de trabalho e comportamento/ espaço do negro no Brasil, na atualidade, com base no que é apresentado ao longo da obra.

Dessa forma, para tal encontro faremos uso do trabalho com os capítulos VIII, IX, X, XI, XII E XIII. Na intenção de formar um leitor crítico a partir da temática discutida, outro texto será paralelamente trabalhado aos capítulos postos em questão, no atual encontro. Ao utilizarmos o texto *Um e outro*, Lima Barreto (1915) convidaremos o leitor a refletir como é posta a imagem do negro na literatura e consequentemente o que isso pode gerar, tanto no ambiente artístico, como no social. A mediação dessa leitura fica por conta do professor que fará as devidas intervenções associando o texto lido aos novos apresentados.

Portanto, para aguçar a criticidade do leitor três *Web Quest* serão lançadas em uma rede social, de modo que ao longo da semana de intervalo entre um encontro e outro cada leitor possa depositar sua opinião ao fato questionado. As questões serão elaboradas com base nas três motivações já apresentadas para o referido encontro. É interessante que provoque no aluno a necessidade de pesquisa sobre o período escravocrata no país, até mesmo para ele entender a condição do negro no país. Uma sugestão para essa ação é convidar o professor de história para que em uma de suas aulas que ele faça uma breve explanação sobre esse assunto.

4º atividade – construção de sentidos

Duração 02 aulas

Professor, as TDIC são interessantes recursos para a sua sala de aula e para a promoção da leitura literária. Sugerimos alguns aparatos, mas outros podem ser inseridos ao longo do processo e necessidade de atualização da prática pedagógica.

O objetivo do encontro é trabalhar a questão da interação de maneira triádica, como coloca Cruz “no processo de leitura e escrita se estabelece no âmbito do texto, uma ação interativa triádica, a que chamamos de interlocução, pois envolve autor, leitor e contexto ficcional” (CRUZ, 2012, p. 175).

Dessa forma, de posse dos capítulos XIV, XV, XVI, XVII e XVIII, juntamente com o que foi trabalhado anteriormente, conduziremos o leitor a melhor formular sua opinião acerca da condição dos negros e afrodescendentes, na sociedade brasileira. Ainda numa proposta de diálogo do texto *O Cortiço* com outros, que na oportunidade será o *Negrinha* Monteiro Lobato (1920). A leitura desses textos em sala de aula será mediada a partir da contextualização do tema com a realidade do aluno.

De posse desses “novos” significados para a questão os alunos construirão um novo roteiro para, agora, a criação de um vídeo sobre a obra, de maneira atual e contextualizada com a realidade e olhar do leitor. Nesse processo, o professor mediará a elaboração instigando a ver no texto as marcas de estereótipos históricos e sociais e, para isso, pode fazer uso da técnica de dramatização *role playing*, a qual é feita quando o ator se coloca na posição do outro, transferindo para sua vida os sentimentos e problemas de outras pessoas, gerando assim um conflito moral. Essa estratégia de trabalho é sugerida para atividades de pertencimento étnico – racial no módulo “Convivência democrática” do módulo 2 do curso do Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero, promovido pelo MEC/ secretaria de Educação Básica.

Para a gravação do vídeo, faremos o uso de aparelhos celulares ou, no caso da escola dispor de outros recursos tecnológicos, poderão ser usados máquinas de fotografia digital, câmeras, tablet etc.

5ª atividade – Recepção do texto

Duração 02 aulas

Promover o diálogo entre o conteúdo do texto literário e o contexto do leitor é de grande importância para o desenvolvimento do aluno, pois aguça o senso crítico acerca da realidade que o circunda.

Nesse encontro encerramos o trabalho com a prática de leitura de uma obra literária. Para tal, objetiva-se aqui verificar como o leitor se coloca diante das questões tratadas ao longo da realização de cada encontro. Iniciaremos as considerações finais do texto com os capítulos finais, XIX, XX, XXI, XXII e o XIII.

Tendo em vista que a atividade de leitura da referida obra é colocada como um dos instrumentos de avaliação do aluno, para uma determinada unidade letiva de ensino, disponibiliza-se a realização de uma atividade lúdica com os alunos. Apresentamos um jogo interativo, de perguntas e respostas, produzido com os recursos do programa Power Point ou outro por meio de outro programa de maior intimidade e conhecimento do professor.

Na oportunidade, queremos demonstrar ao aluno que a leitura literária nos provoca à tomada de determinados conhecimentos e conceitos quando assim disponibilizamos a ela um olhar mais criterioso e contextualizado ao nosso tempo e meio. Portanto, aqui, com a realização desse encontro, situaremos o aluno nos processos de avaliação que ele possivelmente passará ao longo de seu caminho escolar – Prova Brasil, Exames Supletivos e ENEM.

6º atividade – socialização das ações**Duração 02 aulas**

Professor, socializar a atividade é promover o debate e refletir sobre os vários olhares que estão em sua sala de aula. Faça dessa ação uma oportunidade ímpar.

Ao final da aplicação de cada encontro, cabe ao professor organizar um momento para que os alunos tenham o conhecimento das produções realizadas por toda a turma. Desse modo, é interessante que pensar num espaço onde haja a possibilidade desde espaço e recursos para expor o trabalho feito em cartolina, *podcast*, vídeo, como também a socialização do resultado da Web Quest e do jogo aplicado entre os alunos.

Ao final das exposições, o vídeo “Vista minha pele” – produzido pelo Centro de Estudos das relações de trabalho e desigualdades, disponibilizado no portal do MEC, <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>, será apresentado aos alunos de maneira que eles possam encerrar as reflexões acerca da condição do negro e seus afrodescendentes no Brasil de forma mais pontual e problematizada no cotidiano de alunos e alunas.

DICAS PEDAGÓGICAS

- **TEXTO EM QUADRINHOS**

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABglsAC/hq-cortico-aluisio-azevedo>

<http://livrosonlinegratis.net/o-cortico-de-aluisio-de-azevedo/>

- **FILME**

<http://www.filmesepicos.com/2010/10/o-cortico-1978.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=MULRAz79-rc>

- **OUTRAS LEITURAS**

Um e outro, Lima Barreto (1915);

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/um-e-outro.php>

Negrinha, Monteiro Lobato (1920);

<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2014/03/negrinha-monteiro-lobato.pdf>

- **FILMES – DOCUMENTÁRIOS**

A Educação e as novas tecnologias- <https://www.youtube.com/watch?v=XdY57PMsTsQ>

Cidade dos Homens - Filme Completo | HD- <https://www.youtube.com/watch?v=jKby4ij5Tjc>

Cidade de Deus - Filme Completo | HD

https://www.youtube.com/watch?v=gCEMONI_tx8

Vista minha pele (video completo)

<https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

- **MÚSICAS**

Zeca Pagodinho "Posso Até Me Apaixonar"

<https://www.youtube.com/watch?v=M5S5AeQmTtY>

Chico Queiroga & Antonio Rogerio tocam "A Mestiça"

<https://www.youtube.com/watch?v=u7lapG-Y068>

ILÊ AIYÊ - DVD 40 ANOS - "BONITO DE SE VER" 3/5

<https://www.youtube.com/watch?v=9CLNnlC2YBI>

- **CRIAÇÃO E EDIÇÃO DE PODCAST (TUTORIAL)**

<https://www.youtube.com/watch?v=56uOfcP2zIQ>

- **CRIAÇÃO DE WEB QUEST (TUTORIAL)**

<https://www.youtube.com/watch?v=LyOhGsoBFng>

- **CRIAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEOS (TUTORIAL)**

https://www.youtube.com/watch?v=1H_2_Q8akuA

<https://www.youtube.com/watch?v=VxsO6KPg-ow>

- **SUGESTÃO PARA PESQUISA DE APROFUNDAMENTO**

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BARRETO, Lima. **Contos Completos/ Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**: tradução Nilson Moulin. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. 2011.

CHATIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp., 2002

GOMES, Carlos Magno. **Estudos de literatura por meio da interdisciplinaridade dos estudos culturais**. Anais do V Fórum Identidade e Alteridades – GEPIADDE/ UFS/ Itabaina-Sergipe. 2011.

GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina; CARDOSO, Ana Maria Leal. **Leituras literárias** – mito, gênero e ancestralidade. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

JOVER-FALEIROS, Rita; DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de. (ORGs). **Leitura literária na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

LOBATO, Monteiro. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SAPIEZINSKAS, Aline; CORRÊA, Simone Azevedo. Interdisciplinaridade na prática. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Editora Meditação, 2011.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura- perspectivas interdisciplinares**. São Paulo. Ática, 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar na Educação de Jovens e Adultos para alguns é sinônimo de fim de carreira, pois é iminente a aposentadoria, para outros o complemento da carga horária e ainda há alguns casos que os seus agentes a considera como um “trabalho fácil e sossegado”.

Porém, ter a oportunidade de ser docente na EJA é a uma máxima oportunidade que se tem para perceber o quanto uma eficiente prática pedagógica pode ser diferencial para ressocializar aqueles que por um motivo ou outro foram afastados dos bancos escolares e que de certa forma são excluídos e estereotipados no meio educacional.

Assim, a elaboração deste Caderno serve de registro e guia para você, docente, que através do olhar sensibilizado para a referida modalidade, vê-se engajado a promover mudanças na sociedade por meio da Educação. Na oportunidade, falamos do ensino de Leitura Literária, realizado de modo cultural e interdisciplinar, ser capaz de dialogar com o leitor e que este utilize a subjetividade do texto para aguçar o senso crítico, acerca da realidade que o circunda; principalmente em questões relacionadas ao reconhecimento e valorização de uma cultura que tanto é negada e estereotipada.

Contudo, a um público de pouca afinidade e tempo para o exercício do ato de ler, talvez pareça ser uma ação meio que impossível. Por isso, por meio da atividade apresentada, enfatizou-se a questão do aproveitamento do conhecimento prévio do leitor e de ações contextualizadas para tratar o texto de forma significativa, como também contextualizada, para que haja a motivação à leitura. É por meio de uma ação como a descrita neste Caderno que estaremos criando, dentro da Escola, nas aulas de Língua Portuguesa, um importante espaço para o aluno de EJA resgatar valores e que, assim, gere sentimentos de pertencimento, no caso, à cultura e história afrodescendente e africana; quando a este mesmo aluno marginalizado pelo sistema escola oferece-se e oportuniza a leitura literária de maneira humanizada.

Diante de tal discussão, só nos resta perceber que tudo isso só será concretizado se nossa atuação docente for trabalhada na sala de aula como mediadora de um processo de aprendizagem que objetiva formar cidadãos conscientes e críticos, para que não mais reproduzam discursos preconceituosos e racistas contra os negros.

Por isso, ter um material como este que está sendo disponibilizado é uma oportunidade ímpar para a sala de aula da EJA, principalmente para chamar a atenção que o ensino que

deve ser oferecido ao público estudantil que frequenta tais bancos escolares não pode mais ser imposto e descontextualizado com as necessidades básicas do aluno e a sua realidade. Na oportunidade, o que se espera, não só para o referido estudante, mas também aos jovens do ensino regular, que toda e qualquer prática docente passe a ser mediadora para a construção do conhecimento e que não mais reproduza ou articule equivocados conceitos, oriundos de uma classe dominante que fundamenta sua existência e ações do tempo do homem europeu e colonizador.

Tarefa fácil não é. Encontrar subsídios para acalorar a discussão é complicado. Oferece-se a dedicar ações aos alunos da EJA é muitas vezes uma luta solitária. Abrir espaço para o estudo da cultura e história dos afrodescendentes e africanos na sala de aula é uma atividade bastante complicada, pois quem atua nessa modalidade já não é contemplado de material para o exercício de sua atividade. Visualizar um trabalho que foque as relações étnico-raciais, de maneira a exaltar as características, manifestações, comportamento e função para a formação do país, mesmo que a lei nº 10639/2003 esteja em vigor, é um trabalho de longo tempo, pois precisamos da mudança de mentalidade primeiramente daquele que está a frente do processo de ensino, o professor.

Portanto, digamos que aqui foi dado o primeiro passo. Sendo assim, oportunizar a formação de leitores críticos a partir da leitura literária pode ser a saída para minimizar muitos problemas sociais, a exemplo do racismo ao negro. A linguagem e a subjetividade do texto literário, em diálogo com outros textos, serão o passaporte para suscitar no leitor a necessidade da mudança de mentalidade, tão desejada.

Por isso, a apresentação deste Caderno, o uso do romance *O Cortiço* como sugestão para uma prática de leitura contextualizada, cultural e humanizada e o convite a repensar sobre as relações étnico-raciais, a partir do conhecimento e estudo de personagens negras em obras da literatura brasileira, estão a fim de oportunizar uma recepção do texto de forma crítica e consequentemente a formação de leitores mais eficientes e críticos.

Contudo, ratifica-se mais uma vez que toda e quaisquer ações só trarão algum efeito se o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma mediada, dinâmica, contextualizada e interessante ao aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ática. 1984.

BRASIL. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução** / Secretaria de Educação Fundamental, Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 2002.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. 2005.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: A formação do leitor - alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim. **Podcast no ensino: contributos para uma taxonomia**. Universidade do Minho, 2010.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas**. Olhar de Professor, vol. 7, núm. 1, 2004.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura literária na escola – desafios e perspectivas de um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto. 2011.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto. 2014.

DUARTE, E. A. **Literatura afro-brasileira um conceito em construção**. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/afrodescendenciaseduardo.pdf> em 24 de julho de 2015.

DUARTE, E. A. **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. Belo Horizonte: Nandyala. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GOMES, Carlos Magno. **Ensino de literatura e cultura do resgate à violência doméstica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

GOMES, Carlos Magno. **O modelo cultural de leitura**. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 167-183, 2012.

GOMES, Carlos Magno, Ramalho, Christina & Cardoso, Ana Maria Leal. **Leituras literárias – mito, gênero e ancestralidade**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

PRIMO, A. F. T. . **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005.

RANGEL, Mary & FREIRE, Wendel. **Educação com tecnologia – texto, hipertexto e leitura**. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2012.

ROJO, Roxane, NETO, Adolfo Tanzi et al. **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROUXEL, Annie. **Ensino da Literatura: experiência estética e formação do leitor**. In: ALVES, José Helder Pinheiro Alves (Org). *Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino*. Campina Grande: Abralic. 2014.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Estudos Afro-brasileiros: Africanidades e Cidadania**. In: ABRAMOWICZ, Anete & GOMES, Nilma Lino. *Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas*. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

TAVARES, Kátia, BECKER, Silvia & FRANCO, Claudio (ORG.). **Ensino de leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. UFRJ. 2011.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção – travessias contemporâneas**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

TODOROV, Tzevtan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VALENTE, José Armando. **Logo: conceitos, aplicações e projetos**. São Paulo: Ed. McGraw-Hill. 1998.